

REVISTA
**DIÁLOGO
EDUCACIONAL**

periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional


PUCPRESS

Educação, democracia, ética e transformação social em Paulo Freire

Education, democracy, ethics and social transformation in Paulo Freire

Educación, democracia, ética y transformación social en Paulo Freire

Valdir Borges ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Escola de Educação e Humanidades

Peri Mesquida ^[b] 

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Programa de Pós-Graduação em Educação

Juliana Battistus Mateus Ferreira ^[c] 

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Programa de Pós-Graduação em Educação

Como citar: BORGES, V.; MESQUIDA, P.; FERREIRA, J. B. M. Educação, democracia, ética e transformação social em Paulo Freire. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, PUCPRESS, v. 25, n. 87, p. 2378-2391, 2025. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.25.087.A006>

^[a] Doutor em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Pós-doutorando e pesquisador no grupo de pesquisa “Pensamento Educacional Brasileiro: História e Políticas”, instituído na Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Professor do Curso de Filosofia da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; e-mail: valdirb@hotmail.com

^[b] Doutor em Ciências da Educação, pela *Université de Genève* (CH); Professor Visitante das Universidades de *Genève* e *Fribourg*, Suíça; Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; e-mail: mesquida.peri@gmail.com

^[c] Doutora em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Doutora em *Éducation, Carrièreologie et Éthique*, pela *Université Catholique de l'Ouest* (FR); Pós-doutoranda e pesquisadora no grupo de pesquisa “Pensamento Educacional Brasileiro: História e Políticas”, instituído na Pontifícia Universidade Católica do Paraná; e-mail: julianabattistus@gmail.com

Resumo

No cenário mundial hodierno se acirram os posicionamentos à sombra de um mundo, que apesar de globalizado, está fechando-se ao diálogo; nesse contexto se questiona o enfraquecimento das instituições, do poder, do Estado, da política, da liberdade e das garantias individuais, isto é, da democracia. Investigamos esta problemática a partir da inter-relação entre educação, democracia e ética na teoria e prática pedagógica de Paulo Freire, que as posiciona como pilares da transformação social. O objetivo deste artigo consiste, portanto, em examinar como, em Paulo Freire, a democracia exige e se articula com uma atitude ética na prática educativa, e analisar quais implicações ela projeta para a transformação social. A metodologia adotada é a revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, cujo referencial teórico está baseado especialmente em Paulo Freire no que tange à articulação entre educação, democracia e ética, com vistas à transformação social, e nas denúncias às reais ameaças à democracia discutidas na atualidade mundial. Com a presente pesquisa, demonstramos como a ausência de uma educação como prática da liberdade, que faz vingar uma ética da vida, impossibilita o ser humano de redescobrir-se como sujeito histórico e de atingir o máximo do ser mais, ou seja, de ser plenamente humanizado.

Palavras-chave: Democracia. Educação. Ética. Transformação Social. Paulo Freire.

Abstract

In today's world scenario, positions are becoming more intense in the shadow of a world that, despite being globalized, is closing itself off to dialogue; In this context, the weakening of institutions, power, the State, politics, freedom and individual guarantees, that is, democracy, is questioned. We investigate this issue based on the interrelationship between education, democracy and ethics in Paulo Freire's pedagogical theory and practice, which positions them as pillars of social transformation. The objective of this article is to examine how, in Paulo Freire, democracy requires and is articulated with an ethical attitude in educational practice, and to analyze what implications it projects for social transformation. The methodology adopted is a bibliographical review, with a qualitative approach, whose theoretical framework is based especially on Paulo Freire regarding the articulation between education, democracy and ethics with a view to social transformation, and on denunciations of the real threats to democracy discussed in the world today. We demonstrate how the absence of education as a practice of freedom, which promotes an ethics of life, makes it impossible for human beings to rediscover themselves as historical subjects and to reach the maximum of being more, that is, to be fully humanized.

Keywords: Democracy. Education. Ethics. Social Transformation. Paulo Freire.

Resumen

En el escenario mundial actual, las posiciones se intensifican a la sombra de un mundo que, a pesar de estar globalizado, se cierra al diálogo; En este contexto se cuestiona el debilitamiento de las instituciones, el poder, el Estado, la política, la libertad y las garantías individuales, es decir, la democracia. Investigamos esta cuestión a partir de la interrelación entre educación, democracia y ética en la teoría y práctica pedagógica de Paulo Freire, que las posiciona como pilares de la transformación social. El objetivo de este artículo es examinar cómo, en Paulo Freire, la democracia requiere y se articula con una actitud ética en la práctica educativa, y analizar qué implicaciones proyecta para la transformación social. La metodología adoptada es una revisión bibliográfica, con enfoque cualitativo, cuyo marco teórico se basa especialmente en Paulo Freire sobre la articulación entre educación, democracia y ética con miras a la transformación social, y en las denuncias de las amenazas reales a la democracia discutidas en el mundo de hoy. Demostramos cómo la ausencia de la educación como práctica de la libertad, que promueva una ética de vida, imposibilita que los seres humanos se redescubran como sujetos históricos y alcancen el máximo de ser más, es decir, de humanizarse plenamente.

Palabras clave: Democracia. Educación. Ética. Transformación Social. Paulo Freire.

1. Introdução

Este artigo baseado numa pesquisa qualitativa pretende adentrar na complexidade e profundidade do fenômeno educativo, ético e sociopolítico em Paulo Freire e analisar suas implicações para a transformação social. Para descortinar o fenômeno investigado, utilizamos de uma vasta revisão bibliográfica aqui referenciada, detendo-nos especialmente nas obras de Paulo Freire em que está o fulcro da investigação, em discussão com outros pesquisadores que tratam o tema na atualidade mundial. A crítica e a reflexão sobre a elucidação da temática, além de contextualizada e fundamentada no pensamento freiriano acerca da proposta desta pesquisa, tratou de identificar elementos atualizados e algumas lacunas no que tange a esse conhecimento. O alcance da pesquisa é reinventar Paulo Freire neste século XXI, em que a barbárie – devido aos exacerbados nacionalismos, populismo, polarização e a era da pós-verdade, pretende tomar o lugar da educação – e a ética curvada ao lucro, antepõem-se à ética universal do ser humano postulada e praticada por Paulo Freire. A democracia corre perigo por estar ameaçada e enfraquecida pela autocracia, que disfarçada de uma certa democracia apolítica, reinventou o poder e a política no século XXI. Essa pesquisa é uma denúncia e apelo mundial a cuidarmos juntos da democracia, pois sem uma educação como prática da liberdade, implicada em uma atitude ética, não haverá democracia e, sem democracia não haverá a tão sonhada transformação social.

Arguimos, nesse artigo, organizado em duas partes centrais, educação e democracia e sua relação com a ética e a transformação social. Realizamos uma revisão bibliográfica do conjunto das principais obras de Paulo Freire, aqui referenciadas. O fio condutor do conjunto da obra freireana é um processo de humanização do ser humano, propiciado pela educação, como veículo de transformação e mudança social. Somos “vocacionados para a humanização” (Freire, 2006a, p. 99), que é o ser mais freiriano, um processo dinâmico de permanente busca, dado a nossa incompletude e inacabamento. É aí que se encontra o núcleo da educação, compreendida como um ato político, um ato de amor, de coragem e de esperança, que nos impele a fazer a história e nos realizarmos como sujeitos históricos.

Segundo Ana Maria Freire, o nexos entre todas as obras de Paulo Freire é a sua opção ético-humanista de um vasto e complexo projeto de educação humanista, declarando que em todas as “pedagogias” freirianas, por nós supramencionadas: “Paulo Freire não se distanciou, antes completou a Pedagogia do Oprimido” (A.M.A. Freire, 2001, p. 28). Ela ainda acrescenta que: “a Pedagogia do Oprimido traduz a leitura de mundo de Paulo Freire (A.M.A. Freire, 2001, p. 27). Na mesma esteira, há outros nexos entre as obras de Paulo Freire (Borges, Alcântara, Sales, 2025, p. 21-23). Nosso intento de articular educação, democracia e ética em Paulo foi a busca rigorosa dos conceitos freirianos pertinentes à pesquisa em curso, apoiando-nos em outras referências bibliográficas para a elucidação da temática proposta no objetivo inicial. Enfatizamos que ato de educar freiriano está sempre implicado em uma atitude ética, que exige decisão, opção e até ruptura com vistas ao compromisso com a transformação social, a fim de gerar “o homem novo” (Freire, 2005a, p. 35). Recordamos que a “a vocação ontológica do ser mais” (Freire, 2005a, p. 47) é o processo de humanização do ser humano, na sua redescoberta como sujeito histórico, que se emancipa e liberta-se, integralmente, pela educação com vistas à transformação social. Devido a isso, implicaremos educação e a democracia, em seguida, a ética como fomentadora da justiça e da transformação social, implícita na democracia radical freireana.

Resgatando a esperança histórica concreta freireana, sem causar pânico moral, nem falso alarme, queremos chamar a atenção da condição humana nacional e internacional, que vive grandes tensões até descobrir quem realmente manda no mundo, como infra expõe Noam Chomsky. Vivemos submersos a uma grande tormenta social, política e ética com ameaças reais à democracia, denunciadas em 2017 por dois grandes renomados autores, Zygmunt Bauman em *Estranhos à nossa porta*, e Adela Cortina em *Aporofobia*, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia, impulsionado pelos grandes discursos e crimes de ódio, especialmente, em direção aos últimos da terra, pobres e excluídos de toda participação social, política e econômica. Como diria Freire nas suas primeiras palavras de *Pedagogia do Oprimido*, cujos destinatários são os “os esfarrapados do mundo” (Freire, 2005a, p. 23), ou então, parafraseando a Frantz Fanon, “os condenados da terra”.

Essa investigação é oportuna e atual, constituindo-se em um grande grito que clama pelo cuidado da democracia, sendo usurpada, vilipendiada pelos poderosos, grandes empresários, conglomerados e, sobretudo pelos

autocratas e ditadores. Seguindo a linha argumentativa da democracia radical e substantiva de Paulo Freire, analisamos diversos autores, de renome internacional, como Moisés Naím, Yascha Mounk, Noam Chomsky, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, que denunciam as ameaças reais à democracia e, por suposto o enfraquecimento desta, neste primeiro quarto de século do terceiro milênio. Todos estes autores supracitados, bem com Zygmunt Bauman e Adela Cortina, acreditam na capacidade do diálogo, essa categoria epistemológica e existencial que permeia o conjunto da obra freireana, reanimando-nos ao agir comunicativo, na busca de consensos, ainda que sejam mínimos, para garantir a sobrevivência da democracia, que liberta, incluem e transforma o ser humano na sua integralidade.

Na mesma esteira, recordamos que Enrique Dussel, maior representante da filosofia da libertação na América Latina, afirma que “Freire não é simplesmente um pedagogo, no sentido específico do termo, é algo mais”, pois define o ato de educar como ato político, implicado em uma atitude ética, que gera compromisso, transformação e mudança social. É um educador da consciência ético-crítica da vítimas, os oprimidos, denominados pelo filósofo argentino, Enrique Dussel, “os condenados da terra em comunidade” (Dussel, 2002, p. 427). Um pouco antes delineia o princípio ético-crítico freiriano, que é experiencial, é uma ética da vida (Dussel, 2002, p. 313), explicitado em (Borges, 2021, p. 184-194). A ética está intrinsecamente permeada na práxis freireana, que não existe sem a reflexão e a educação como prática da liberdade, cuja finalidade é a transformação social e a plena emancipação e humanização, que conduz à redescoberta do ser humano, livre, autônomo, como sujeito histórico concreto e situado, que nada mais é que o processo de ser mais freiriano, pois “a vocação do homem é de ser sujeito e não objeto” (Freire, 1980, p. 34). Se a educação é concebida como prática da liberdade, faz-se necessário inter-relacioná-la com a democracia.

2. Procedimentos metodológicos

Apresentamos a seguir como corpus principal da análise desenvolvida neste artigo, as obras de Paulo Freire selecionadas por tratar da relação entre educação, democracia e ética, complementadas por autores contemporâneos que discutem a crise democrática e seus desdobramentos sociais. O Quadro 1 organiza esses referenciais, centrais neste estudo, distinguindo entre as contribuições freirianas e os aportes teóricos atuais, que possibilitaram uma leitura comparativa, crítica e interpretativa, evidenciando a atualidade do pensamento freiriano frente aos desafios do século XXI.

Quadro 1 – Referenciais teóricos utilizados na pesquisa.

Categoria	Obras freirianas	Referenciais contemporâneos
Educação, democracia ética e transformação social	Cartas a Cristina (2003c)	
	Pedagogia da Esperança (2006a)	Como as democracias morrem (Levitsky & Ziblatt, 2018)
	Educação como prática da liberdade (2007b)	O fim do poder (Naím, 2018)
	Direitos Humanos e Educação Libertadora (2019)	O povo contra a democracia (Mounk, 2019)
	Pedagogia do Oprimido (2005a)	Estranhos à nossa porta (Bauman, 2017)
	Pedagogia da Autonomia (2006b)	Quem manda no mundo? (Chomsky, 2017)
	Ação cultural para a liberdade (2007a)	Aporofobia: a aversão ao pobre (Cortina, 2017; 2020)
	À sombra dessa mangueira (2010)	

Fonte: Autores (2025).

Em uma análise argumentativa da democracia radical e substantiva de Paulo Freire, tomamos como aporte de discussão autores como Moisés Naím, Yascha Mounk, Noam Chomsky, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, que denunciam as ameaças reais à democracia e, por suposto, o enfraquecimento desta neste primeiro quarto de século do terceiro milênio. Todos estes autores supracitados, bem como Zygmunt Bauman e Adela Cortina, acreditam na capacidade do diálogo, essa categoria epistemológica e existencial que permeia o conjunto da obra freireana, reanimando-nos ao agir comunicativo, na busca de consensos, ainda que sejam mínimos, para garantir a sobrevivência da democracia, que liberta, inclui e transforma o ser humano na sua integralidade. Demais obras são trazidas para enriquecer a discussão

e, assim, buscamos articular a práxis freireana aos referenciais contemporâneos, delineando um percurso metodológico que permite interpretar a democracia como forma de vida, vinculada a uma ética da responsabilidade coletiva, e analisar suas implicações para a prática educativa e para os processos de transformação social.

3. Educação e Democracia

Inspirados pela práxis educativa dialógico-problematizadora freireana, em que o ser humano, pautado por uma democracia radical (Freire, 2003c, p. 191-206), inter-relaciona educação, ética e liberdade, transcende e se projeta nos demais com vistas à transformação social. Faz-se necessário um esclarecimento acerca da concepção de democracia radical defendida por Paulo Freire, que é a busca de uma democracia, que além de inclusiva, promova a participação efetiva do conjunto da sociedade. Essa ideia de democracia inclusiva e participativa, independe da posição econômica ou social que ocupa o cidadão. A radicalidade democrática freireana é a mesma radicada na dialogicidade, cujo ápice é a liberdade e a autonomia do indivíduo. É na concepção de educação como prática da liberdade é que o educando, o cidadão se descobrirá como sujeito histórico, impulsionador da transformação social. O que nos impele à hermenêutica da democracia como um processo contínuo de transformação e humanização do ser humano. É um processo lento o entendimento da democracia radical, inclusiva e participativa: “participação popular não é um slogan, mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho da realização democrática (Freire, 2005b, p. 75). E acrescenta, que “nós estamos ainda no processo de aprender a fazer a democracia. E a luta por ela passa pela luta contra todo tipo de autoritarismo (Freire, 2005b, p. 136).

Freire almejou contribuir para uma democracia substantiva e autêntica que liberte o ser humano de toda dependência, dominação e opressão, tornando-o emancipado, autor e construtor da própria história, que o lugar das possibilidades. A democracia freireana é substantiva porque ultrapassa e supera a democracia formal, que se limita a procedimentos formais e está mais centrada nas questões econômicas, destacando-se como um processo humanizador, pois é inclusiva, igualitária e participativa, promotora da justiça social e dos direitos fundamentais, em que a práxis educativa é utilizada é utilizada como um instrumento de conscientização e emancipação. A escola se constitui como um espaço que possibilita a compreensão crítica da realidade, no qual se reconhece que a luta perde sentido se for pautada em uma educação bancária, isto é, “salas resguardadas do mundo com educadores e educadoras que apenas depositam conteúdos nas cabeças vazias de submissos educandos” (Freire, 2003c, p. 202). É, “na prática democrática, expondo sua leitura de mundo aos grupos populares, os militantes com eles como o povo conhece” (Freire, 2010, p. 62). Somente no respeito mútuo à identidade cultural em diálogo com o educando, que se concretiza a “compreensão da educação como ato político, da educação como processo de conhecimento, da educação democrática fundando-se no respeito ao educando, à sua linguagem, à sua identidade cultural de classe” (Freire, 2005b, p. 60-61).

A primeira constatação é que a educação faz parte do processo de construção do ser humano e está intrinsecamente relacionada à “vocação ontológica do ser mais” (Freire, 2005a, p. 47), que nada mais é que a sua humanização. Assim, devido à consciência da inconclusão e inacabamento humano, consegue sair de si, projetando-se nos outros, encontra as razões da própria existência. Para Paulo Freire, como ser de relações dá sentido à vida, afirmando que:

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não eu. Isto torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros, de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo. O animal não é um ser de relações, mas de contatos. Está no mundo e não com o mundo. (Freire, 2007c, p. 30)

A segunda é da natureza política da educação, pois “do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político” (Freire, 2003a, p. 23). O que Paulo Freire quer romper aqui é com “o mito da neutralidade da educação” (Freire, 2003a, p. 23); não há educação neutra, “nem uma educação que não seja ato político, implicado em uma atitude ética” (Borges, 2021, p. 194-197). O ato de

educar jamais admitirá a neutralidade, pois em um projeto político pedagógico há uma concepção de ser humano, de história, de mundo e de educação. A educação é um ato político, ético, crítico, formador da consciência histórico-crítica, cuja dialogicidade junto à coletividade dos demais sujeitos, concretizam, historicamente “a esperança freireana implicada com a utopia, o sonho e o inédito viável projetando, dessa maneira, outro mundo possível” (Borges, 2022, p. 31- 41).

É bom recordar que em Paulo Freire, além da esperança, “o sonho também é um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (Freire, 2006a, p. 90-92). E a esperança é uma “necessidade ontológica, que precisa ser ancorada na prática”, pois “movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que aluta é expressão” (Freire, 2006a, p. 11). Na obra, *Educação como prática da liberdade*, escrita em 1965, no exílio do Chile, quando a esperança titubeou em nosso país, Freire convida a reativar a esperança, “mesmo diante das adversidades e dos totalitarismos” (Freire, 2007b, p. 60).

A terceira é que da prática educativa, Freire expressa uma ética pedagógica libertadora, por meio da conscientização, da autonomia e da liberdade, objetivando a emancipação de todo tipo de opressão, essa é uma das tarefas da educação, conduzir o educando a redescobrir-se como sujeito histórico no ato de educar (Borges, 2021). Há uma “necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora” (Freire, 2006b, p.15). Na relação entre educação e democracia, o profeta e andarilho da esperança, Paulo Freire está consciente que “nenhuma reflexão em torno da educação e democracia igualmente pode ficar ausente da questão do poder, da questão econômica, da questão da igualdade, da questão da justiça e de sua aplicação e da questão ética” (Freire, 2003c, p. 192). Se “o futuro é problemático, e não inexorável, a práxis humana, ação e reflexão, implica decisão, ruptura, escolha. Implica ética” (Freire, 2003c, p. 213). Para uma correta hermenêutica da prática educativa como atitude ética, faz-se mister adentrar no “princípio ético-crítico freiriano” (Borges, 2021, p. 184).

Pautado nesse princípio ético-crítico freiriano, que tomamos consciência da realidade histórico-social, fazendo a leitura do mundo e, dizendo a palavra, nos autoconstruímos, atuando no mundo em que vivemos, pois “é na inserção no mundo e não na adaptação a ele que nos tornamos seres éticos e históricos, capazes de optar, de decidir, de romper” (Freire, 2000, p. 90). O ser mais, “fundamento ontológico e histórico para a luta política em torno não apenas da democracia, mas de seu constante aperfeiçoamento” (Freire, 2003c, p. 192-193). Paulo Freire está convencido de que a democracia radical, impulsiona o processo de humanização, pois toda busca pela igualdade dos direitos, “em prol da superação das injustiças que não se funde no respeito profundo à vocação para a humanização, para o ser mais de mulheres e homens” (Freire, 2003c, p. 193), não é democrática, nem ética e nem prática educativa. E agrega que “tendo-se tornado historicamente o ser mais a vocação ontológica de mulheres e homens, será a democracia a forma de luta ou de busca mais adequada à realização da vocação humana do ser mais” (Freire, 2003c, p. 192). Depreende-se daqui, que educação, democracia, liberdade, direitos, igualdade, ética se implicam na vocação ontológica do ser mais, que é a própria humanização do ser humano.

Para Paulo Freire, somente haverá emancipação se a prática educativa for uma educação como prática da liberdade, que é a essência da dialogicidade, exposta no terceiro capítulo (Freire, 2005a, p. 89-139) da sua obra prima, *Pedagogia do Oprimido*, escrita em 1967 no exílio do Chile. Uma educação como prática da liberdade supera todo verbalismo e os discursos vazios, instaurando-se no diálogo, definido por Freire em *Pedagogia da Esperança* (2006a, p. 118), no agir comunicativo, estabelecendo novas relações humanas, que possibilitem ao próprio povo a elaboração de uma consciência crítica do mundo em que vive e impulsionando-o à mudança: “mudar é difícil, mas é possível” (Freire, 2006b, p. 79). Qualquer mudança nos rumos da história será possibilitada pelo diálogo entre o ser humano e o mundo, que se concretiza pela conscientização, que é “tomar posse da realidade” (Freire, 1980, p. 25-33) “com que os homens, através de uma práxis verdadeira, superam o estado de objetos, como dominados, e assumem o de sujeitos da História” (Freire, 2005a, p. 183).

Redescobrimo-nos como sujeitos da própria história (Borges, 2021, p. 197-204) pela nossa “vocação ontológica de ser mais” (Freire, 2005a, p. 59) é que o processo de libertação integral do ser humano se concretizará, recordando que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2005a, p. 58). É na esperança verdadeira (Freire, 2007a, p. 71), implicada à utopia e ao sonho de outro mundo possível

(Borges, 2002, p. 31-41), unida à “dialeitização da denúncia e do anúncio, que tem na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo” (Freire, 2007a, p. 70). Essa é concretização de uma ação cultural para a liberdade freireana, pois qualquer “mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio da superação” (Freire, 2006b, p. 79).

Se a educação como prática da liberdade, concretizada na ação cultural para a liberdade, forja uma ética da vida, associada à dialogicidade problematizadora, base de uma sociedade livre, autônoma e democrática, então, como agir democraticamente, nestes dias hodiernos, de constantes ameaças à democracia? E, qual é a concepção de democracia em Paulo Freire? (Borges, 2021). Em Paulo Freire, a democracia é radical e substantiva ou não é democracia, pois o que necessitamos não é “nem autoritarismos, nem licenciosidade, mas substantividade democrática” (Freire, 2006a, 114). A partir dessa acepção freireana, eixo axial da formação emancipatória, que conduzirá o educando, ou qualquer ser humano a se redescobrir como sujeito histórico, pois essa democracia radical freireana se dá na escola para o mundo e do mundo para a escola. É nesse amálgama escola e sociedade e sociedade escola que se concretiza a democracia radical, quando consideramos o ensinar a pensar certo como um risco e um atributo da escola democrática, pois “faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação” (Freire, 2006b, p. 35).

A noção de democracia em Paulo Freire, inter-relacionada ao ato de educar, dialógico, livre e autônomo, que é ato político, implicado na atitude ética, à justiça e à transformação social (Borges, 2021, p. 190-194), nasce inicialmente da leitura do livro de Zevedei Barbu, *Democracy and Dictatorship, their Psychology and Patterns of life*, publicado, originalmente em 1956, em que Barbu faz uma minuciosa análise da democracia e da ditadura, por intermédio dos instrumentos da história, da sociologia e, especificamente, da psicologia. Freire aprendeu de Barbu, romeno, docente da Universidade de Brasília por uma década, que a democracia é uma forma de vida que influencia o comportamento e a consciência das pessoas ao se lançarem ao debate e à discussão problematizadora, em liberdade e participação, na incansável busca das soluções dos problemas comuns que atingem a sociedade. Por isso, observa que, “a democracia antes de ser uma forma política é uma forma de vida” (Freire, 2003b, p. 76), como Freire leu em *Democracia e Educação*, de John Dewey (1936). Podemos até ensinar o que é a democracia, mas o melhor seria praticá-la, através da participação, pois, “ensinar democracia é possível. Para isto, contudo, é preciso testemunhá-la. Mais ainda, testemunhando-a, lutar para que ela seja vivida, posta em prática ao nível da sociedade global” (Freire, 2003c, p. 201).

Zevedei Barbu considera “a democracia como uma adaptação de grupo sob condições de facilidade, e o totalitarismo como uma adaptação de grupo sob condições de tensão. Daí o sentimento de liberdade implícito na forma democrática de vida” (Barbu, 1962, p. 13). Para ele não há democracia sem ética, pois “desde o ponto de vista ético, a democracia representa um equilíbrio dinâmico entre uma ética do absoluto e uma ética da vida empírica” (Barbu, 1962, p. 72). A democracia sempre implica uma dupla dimensão da vida humana, verificada em quase todos os aspectos de um clima cultural, depreende “que a estrutura de uma forma democrática de vida está definida por duas dimensões, uma ideal e transcendental, e outra empírica e imanente” (Barbu, 1962, p. 72), acrescenta que em uma forma democrática de vida há uma escala de valores e não um valor único.

O posicionamento freiriano acerca da democracia substantiva não se restringe à gestão escolar, pois não basta eleger os diretores e os conselhos escolares, mas é necessário, o debate, a ação-reflexão, que é a vivência da práxis democrática na vida pessoal, na escola e em todos os âmbitos da sociedade, ou seja, com a democracia substantiva, explica-se a radicalidade do exercício da democracia no ato de educar, que é sempre um ato político, implicado em uma atitude ética. Não é possível fazer uma gestão democrática em qualquer âmbito da sociedade, agindo “como que assalta, como quem se apodera de algum espaço” (Freire, 2019, p. 48), mas que seja “um espaço de reflexão crítica e pedagógica (Freire, 2019, p. 49).

Ao referir-se à gestão escolar, além de se constituírem como espaços de reflexão, devem pautarem-se na autonomia, que emancipa e liberta o ser humano, por isso, “as escolas têm que ter autonomia, não apenas no nível da materialidade, mas as escolas têm que ser [...] centros de reflexão” (Freire, 2019, p. 51-52), porém, Freire insiste que “não é possível democratizar a escolha dos conteúdos sem democratizar o seu ensino” (Freire, 2006a, p. 111). Compreendendo “a educação como ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer ao debate e à análise

da realidade” (Freire, 2007b, p. 104), do contrário seria verbosidade vazia, uma farsa. Paulo Freire está convencido de que o educando vai “aprendendo democracia pela prática da participação” (Freire, 2003c, p. 117). A intrínseca relação entre a educação e a democracia se funda na crença do ser humano como ator e sujeito histórico do processo de libertação integral, que é a humanização, “ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente na crença do homem. Na crença em que ele não só pode, mas deve discutir” (Freire, 2007b, p. 104).

Se os educandos são tratados como sujeitos, centro da prática educativa, participando do projeto político-pedagógico da escola, propicia-se a hermenêutica da democracia radical no ato de educar. Este, será pautado no “respeito ao educando, à sua linguagem, à sua identidade cultural de classe, da explicação teórica de defesa da educação que se oculta, que desvela, que desafia” (Freire, 2019, p. 115), recordando que, “não será fácil remover de nós o gosto pelas posturas autoritárias” (Freire, 2019, p. 124). O imperativo de posturas autoritárias e a racionalidade dominante sem espaço para a reflexão crítica, estes modelos muito presentes em nossa civilização, impulsionam “consequências necrófilas e opressoras que estes trazem para a sociedade como um todo” (Zitkoski, 2010, p.53). Na obra, *Pedagogia da Esperança* (2006a), Freire nos anima a resgatar esperança histórica concreta pela democracia radical, mesmo diante das ameaças atuais e dos questionamentos hodiernos à democracia, pois “na luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que a luta é expressão” (Freire, 2006a, p. 11).

Vivemos dias de uma “grande tormenta social, política, econômica e ética enfrentadas pela condição humana nestes tempos hodiernos com reais ameaças à democracia e ações reacionárias em nível mundial e nacional” (Borges, 2022, p. 11-19), já denunciadas em 2017 por dois grandes autores, Zygmunt Bauman em *Estranhos à nossa porta* e por Adela Cortina em *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. O primeiro denuncia o pânico moral provocado pela grande crise mundial das migrações, que é uma crise humanitária (Bauman, 2017, p. 7-26), mas enaltece a esperança, apesar da humanidade estar imersa em uma grande crise, “não existe outra saída para ela, senão a solidariedade dos seres humanos” (Bauman, 2017, p. 24). Nessa mesma esteira, trilha Adela Cortina, cuja edição em espanhol de 2017 com um posicionamento ético-político, denuncia as razões do vexatório estigma universal dos excluídos da terra, que se constitui em uma “ameaça real às democracias, devido ao incremento dos discursos e crimes de ódio” (Cortina, 2017, p. 29-59), apontando que não há outra saída, que não seja a “hospitalidade cosmopolita” (Cortina, 2017, p. 149-168). Ela acredita que uma hospitalidade cosmopolita, cujas bases são a justiça, a compaixão e o espírito democrático trinarão, assim, a milenar hospitalidade ocidental destronará a disseminação do ódio.

O escritor e analista da política mundial, Moisés Naím, vem alertando-nos sobre as reais ameaças à democracia radical, proposta por Paulo Freire. Na sua obra, *O fim do poder*, escrita em 2013, uma obra oportuna, atual e necessária, que inter-relaciona, estado, poder, política e democracia, demonstrando como os novos e múltiplos poderes estão mudando o mundo e abalando os modelos tradicionais na política, nos negócios, nas igrejas e na mídia (Naím, 2018, p. 11-45). No final da obra consta um apêndice onde indica as principais tendências do período do pós-guerra sobre a democracia e o poder político (Naím, 2018, p. 355-364), que nos conduzem à hermenêutica da ascensão da autocracia no mundo em detrimento da democracia e, nos auxilia a medir a evolução da democracia e das ditaduras no mundo hodierno. Seguindo sua linha argumentativa no que tange à democracia, na obra escrita em 2022, *A Vingança do poder*, Moisés Naím denuncia como os autocratas (Naím, 2023, p. 137-310) estão reinventando a política do século XXI com estratégias para enfraquecer os alicerces da democracia. Nessa exaustiva análise sobre as reais ameaças à democracia acontecidas nos últimos anos, pelos poderosos, ditadores, populistas e grandes empresários, Naím nos encoraja à concretude da esperança histórica freireana, lutando incansavelmente, pelos ideais democráticos, diante do incremento dos três pês: polarização, pós-verdade e populismo (Naím, 2023, p. 19-136), que ameaçam e destroem a democracia mundial, pois no poder se verifica uma nova forma de maldade política.

Nesse sentido, Yascha Mounk em sua obra de 2018, *O povo contra a democracia*, nos provoca, por que a nossa liberdade corre perigo e como salvá-la? Primeiro, expõe as origens da crise da desconsolidação da democracia liberal (Mounk, 2019, p. 47-232), junto à perda das ilusões para, depois, demonstrar como salvar a democracia. Os remédios para salvar a nossa liberdade democrática são, especificamente, domesticar os exacerbados nacionalismos, consertar

a economia mundial e, por último, mas não menos importante, renovar a fé cívica (Naím, 2023, p. 233- 315). Seguindo a argumentação das reais ameaças à democracia mundial no século XXI, o norte-americano e grande ativista mundial, Noam Chomsky, em sua obra de 2016, *Quem manda no mundo?* tece uma análise das mudanças de poder e do “declínio norte-americano com suas causas e consequências” (Chomsky, 2017, p. 77-107) nas reais ameaças à democracia, bem como do futuro da ordem global. É um verdadeiro manual para uma hermenêutica da situação internacional da atualidade, em que nem todos percebemos “a mão invisível do poder” (Chomsky, 2017, p. 61-76).

Para encerrarmos essa seção, queremos instigar com urgência como a democracia está agonizando, sendo enfraquecida em dezenas de países no mundo, substituída ou camuflada pela autocracia e até substituída pela ditadura. É o que demonstram Steven Levitsky e Daniel Ziblatt no grande best-seller do New York Times de 2018 na obra, *Como as democracias morrem*. A denúncia destes dois renomados professores da Universidade Harvard é do processo de subversão da democracia (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 76-98) nos Estados Unidos com a era Trump, por suposto, do enfraquecimento da democracia mundial. Após demonstrarem a subversão da democracia, seu enfraquecimento e até a desintegração, os autores nos ensinam como ainda podemos salvar a democracia (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 194-218), invocando o igualitarismo, a civilidade, o sentido da liberdade, a inclusão social e racial, bem como a justiça social.

Esse era o desejo de Paulo Freire em sua democracia radical, a redescoberta do ser humano como sujeito histórico, por isso, propôs uma educação democrática, que nada mais é que a prática da liberdade, que impulsiona a ação cultural para a liberdade e à autonomia, bases fundamentais da emancipação do ser humano no seu processo de ser mais, que em outras palavras é a humanização do ser humano. Esperamos que a humanidade, movida pela esperança histórica concreta freireana dos ideais democráticos, responda aos apelos de todos estes autores supramencionados de como salvar a democracia, questionada e enfraquecida nos dias hodiernos.

A saída será o diálogo freiriano (Borges, 2021b) que produzirá, o consenso, ainda que seja mínimo, para que construamos as pontes do entendimento mútuo, em vez de muros de separação, por isso, urge-nos retomar a educação para a democracia, a partir de Paulo Freire e dos demais autores aqui elencados. Sem liberdade, autonomia, direitos, igualdade de oportunidades, não se concretizará a sonhada democracia radical freireana, por isso, discorreremos acerca da ética, que vinga de uma prática educativa radicada. Além disso, está alicerçada no debate, na discussão e na reflexão, sobretudo, na capacidade dialógico-problematizadora do ser humano. Esse modo de conceber a ética vinculada à educação e à democracia, como impulsionadora da justiça e da transformação social é que analisaremos na sequência.

4. Ética e transformação social

Abordar a ética em Paulo Freire é propiciar a reflexão acerca dos grandes desafios e das novas perspectivas da práxis educativa, pois “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000, p. 67). A educação é uma arma poderosa que torna educandos e cidadãos críticos, conscientizando-os acerca da realidade do seu contexto histórico-social, ou seja, transforma e capacita os indivíduos e, estes, mudarão o mundo, através de ações coletivas com vistas à emancipação do sujeito. A educação é concebida como prática da liberdade, alicerçada na dialogicidade é como um veículo de mudança, um motor da história. Adrede, afrontar-se-á os estragos da grande tormenta social, política, econômica e ética, denunciada pela supramencionada filósofa e catedrática de ética e política, Adela Cortina, quando descreve o incremento dos discursos de ódio (Cortina, 2020, p. 51, 56). Isso possibilitará deter-se nas contradições e adversidades que estão no bojo da crise do capitalismo globalizado, do estado, do poder, da política, da ética, da educação e, pior ainda, das reais ameaças à democracia pelos poderosos autocratas, neste início de terceiro milênio. Portanto, necessitamos, segundo Adela Cortina, construirmos, juntos, uma democracia radical (Cortina, 2020, p.57). Depois de elucidar as diversas concepções de democracia na atualidade, a filósofa espanhola em questão, intrinsecamente, na mesma linha da democracia radical e substantiva de Paulo Freire, propõe que: “o cultivo da ética exige que a liberdade seja considerada sagrada, mas uma liberdade igual, que é obtida por meio do diálogo e do reconhecimento mútuo da dignidade” (Cortina, 2020, p. 63). É nessa liberdade igual, alicerçada no diálogo é que se funda a democracia radical e substantiva de Paulo Freire.

A práxis freireana está plasmada pela ética, que educa para a liberdade e democracia, implicada transformação e justiça social em prol da emancipação da condição humana como sujeito histórico na construção do ser mais. A ética em Paulo Freire é uma ética da vida porque não se faz com discursos sobre as contradições e distorções do sistema vigente, mas “em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2005a, p. 79) com as vítimas negadas, que foram proibidos de ser, ou roubados em sua dignidade humana. Essa intensidade ética, compreendida como princípio de vida, perpassa o conjunto dos escritos freireanos. Está presente nas primeiras palavras de sua obra mestra, *Pedagogia do Oprimido*, pois a dedica “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, eles lutam” (Freire, 2005a, p. 23). É o seu imperativo ético, pois afirma que, “o meu ponto de vista é o dos condenados da terra, o dos excluídos” (Freire, 2006b, p. 14). Quando as injustiças ocorridas em nosso contexto histórico-social nos provocam a justa raiva freireana e a indignação, aí adentramos ao campo ético-educativo da práxis freireana.

No seu último escrito em 1996, *Pedagogia da Autonomia*, que não é um livro especificamente de ética, mas que assume um posicionamento ético, diretamente implicado ao ato de educar. Este livro constitui-se como uma espécie de testamento em que se expõe os saberes necessários à prática educativa, que possui uma dimensão intrinsecamente política no ato de educar, que segundo a concepção freireana está implicado a uma atitude ética, ele demonstra essas mútuas implicações:

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àqueles e àquelas que se acham em formação para exercê-la. Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos, não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro. [...] Não falo, obviamente, desta ética. Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo do discurso citado acima, que condena a exploração da forma de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, [...] golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho da utopia [...]. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos. (Freire, 2006b, p. 15-16)

É a síntese da posição ético-crítica de Paulo Freire, realizada há poucos meses antes de sua morte, em 02 de maio de 1997, por intermédio dos saberes necessários à prática educativa, intrinsecamente política e fundada na dimensão ética, mas de uma ética da vida, em que o respeito à autonomia, à dignidade humana, à justiça e à transformação social são os seus eixos basilares. Essa ética da vida torna possível o engajamento dos sujeitos na ação transformadora. O freiriano, Telmo Adams ao explicar o verbete Sociedade, no *Dicionário Paulo Freire*, afirma que “a dignidade humana só é possível se nos mantivermos fiéis à ética universal do ser humano que carrega no seu cerne a incondicional valorização da justiça, da solidariedade e da democracia” (Adams, 2008, p. 387). Essa é a ética da vida, que “recusa a ditadura do mercado, fundada na perversidade de sua ética do lucro” (Freire, 2006b, p. 128).

Sem a dimensão ética será impossível a concretização da práxis freireana assentada na ação e na reflexão, pois, “não é possível pensar os seres humanos longe, sequer da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão” (Freire, 2006b, p. 33). O autor conecta educação, liberdade, autoridade, democracia, e responsabilidade ética como inseparáveis, explicando que:

A autoridade coerentemente democrática, mais ainda, que reconhece a eticidade de nossa presença, a das mulheres e dos homens, no mundo, reconhece, também e necessariamente, que não se vive a eticidade sem liberdade e não se tem liberdade sem risco. O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, preciso correr o

risco. Não se rompe como quem toma um suco de pitanga numa praia tropical. Mas, por outro lado, a autoridade coerentemente democrática jamais se omite. (Freire, 2006b, p. 93)

Para um aprofundamento desse posicionamento ético, político, democrático da práxis freireana impulsionadora da transformação social, remetemos à obra, *A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora* à luz de Paulo Freire (Borges, 2021, p. 194-197).

Contra toda adesão à conformação social, daqueles que apregoam a inexorabilidade do capitalismo globalizado em nosso contexto histórico-social, o autor é enfático: “recuso esse fatalismo em nome de minha compreensão do ser humano e da História, do meu ponto de vista ético e porque não posso negar a minha fé” (Freire, 2010, p. 81). O fatalismo e o determinismo histórico não acreditam na força da luta por mudanças sociais significativas, nem no poder em prol da transformação social, impedindo o ser humano de ser mais. A história para Freire é o lugar das possibilidades, das lutas, dos embates travados com responsabilidade ética, pois, “na História como possibilidade não há como sermos senão responsáveis, portanto, éticos. Essa responsabilidade implica a luta igualmente ética, para assumi-la (Freire, 2010, p. 82).

Como já enfatizamos, anteriormente, a práxis freireana se fundamenta na educação como prática da liberdade, na defesa da democracia, bem como, na transformação social, que é fruto de um projeto de educação que liberta e emancipa integralmente o ser humano. A ética na práxis educativa freireana está alicerçada na dialética da denúncia e do anúncio (Freire, 2007a, p. 70), que supera a neutralidade da educação e, por suposto, do conhecimento, refazendo-se constantemente no compromisso histórico-social de libertação do ser humano (Borges, 2021, p. 115). A dialética da denúncia e do anúncio é uma via de mão dupla, se denuncia a sociedade de classes e o fatalismo histórico, oposto a qualquer mudança e, se anuncia o homem novo (Freire, 2005a, p. 35), a nova sociedade, lugar da história como novas possibilidades. Acrescenta que, “não há anúncio sem denúncia, assim como toda denúncia gera anúncio. Sem este, a esperança é impossível (Freire, 2007a, p. 71). É dessa maneira que se permite pensar o futuro em termos de novas possibilidades. O ser humano somente se redescobre nesse processo de transformação social pela ação e reflexão, impelidas pelo conhecimento, “o homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto” (Freire, 1980, p. 35).

A práxis ético-crítica freireana nos orienta a discernir e a optar pelo conhecimento, para que como seres éticos, diante da concepção de história como possibilidades, possamos nos arriscar, rompendo qualquer tipo de barreira ou medo, em que “o futuro perde sua real significação” (Freire, 2007a, p. 71), em favor do compromisso com a transformação social. Ele revela que: “a possibilidade de discernir, comparar, escolher, programar, atuar, avaliar, nos comprometer, nos arriscar, faz-nos seres da decisão, seres éticos. Por isso é um imperativo ético lutar contra a discriminação” (Freire, 2010, p. 70). Essa possibilidade é dada pelo conhecimento pautado na historicidade do contexto histórico-social do ser humano, que é o seu ambiente concreto.

A ética na práxis freireana, quando práxis verdadeira, autêntica e revolucionária (Freire, 2005a, p. 143), permite a articulação e a mobilização do sujeito para produzir e decidir por um conhecimento que lhe permita desvelar a totalidade do contexto histórico-social que está inserido e que necessita de constante transformação social. Esse é o imperativo ético freireano, cujos fundamentos estão na prática educativa, concebida na liberdade e nos ideais da democracia radical freireana, que dá sentido à integralidade da dignidade humana, implicado no ser mais, que é o constante processo de humanização do ser humano. Dessa forma, inter-relacionamos, educação, democracia, ética e transformação social em Paulo Freire.

5. Considerações finais

Na articulação entre educação, democracia e ética em Paulo Freire nasceu a nossa problemática inicial investigativa, da hermenêutica da inter-relação entre educação, ética e democracia, que se concretizará o compromisso com a transformação social, forjado do processo emancipatório, impulsionado pela educação. A educação, quando

embasada na prática da liberdade, alicerçada na concepção de democracia radical e substantiva freireana, implicada na atitude ética será autêntica e fomentará a justiça e a transformação social.

Na concepção freireana, a educação é um dos principais agentes de transformação e mudança social. Através de uma educação dialógico-problematizadora, concebida como prática da liberdade, fomenta-se e pratica-se a reflexão crítica sobre a realidade do contexto histórico-social. Dessa maneira, brota um processo de apreensão da realidade em que se vive, especialmente as injustiças sociais e a exclusão da participação social que, em Paulo Freire, denomina-se conscientização. Esta, impulsionará a intervenção na realidade para transformá-la. Esse é o movimento prático freiriano de ação e reflexão, que rompe com a alienação, tanto individual, quanto coletiva, engajando-nos como agentes de mudança e transformação social. Uma educação pautada na liberdade e na autonomia, conforme propunha Paulo Freire, promoverá o engajamento da sociedade, que juntamente com um esforço dos investimentos em políticas públicas, a inclusão e participação serão garantidas. Assim a educação manter-se-á como um eficaz veículo e instrumento de transformação.

A transformação social requer uma educação que conscientize os educandos, através do conhecimento e do pensamento crítico, favorecendo a vivência da cidadania no sentido amplo da terminologia, para a superação das desigualdades. Para isso, não bastam as habilidades pessoais, mas necessitam-se de valores, ou seja, de uma ética universal do ser humano como queria Freire. Essa ética universal, implicada na prática educativa, empenhada na emancipação dos indivíduos, gera compromisso, capacitando-os à intervenção social em busca de uma sociedade mais justa, livre, democrática, em que a condição humana incremente a qualidade de vida. Esse é o papel social da escola, da universidade, que deve ir além dos seus muros, do contrário não há razão de existir. O desenvolvimento do pensamento crítico, da conscientização pela educação contínua, comprometida na formação integral dos seres humanos, fazendo-os capazes de reconhecerem seus direitos e deveres. Além disso, uma educação para autonomia e a liberdade, alicerçada em princípios democráticos, formação dos valores éticos-sociais, são os motores de uma autêntica transformação social. A educação é o caminho do potencial transformador da pedagogia freireana, que é o reflexo de uma educação crítica, que conscientiza e empodera os educandos, homens e mulheres, para a transformação social.

Somos conscientes da atualidade da proposta freireana de uma educação vinculada aos ideais democráticos, pois é no dialógico-problematizador de índole ética, que se impulsionará a libertação integral do ser humano, no seu constante processo de ser mais, ou seja, de plena humanização. Isso será possível quando compreendemos a história como o lugar das possibilidades que nos permitem conviver, em comunhão com toda a comunidade humana, pois existencializamos, assim, um processo de libertação, mediatizados pelo mundo, conscientes de que a história é marcada por uma sucessão de exclusões de toda ordem e injustiças sociais, uma transgressão da ética constante. A ética maior de que fala Paulo Freire, como vimos neste artigo, conduz a uma ética da vida, a uma ética universal e, por isso, inseparável da prática educativa. É nossa obrigação e a denúncia histórica freiriana, “fazer tudo o que possamos pela eticidade, sem cair no moralismo hipócrita, ao gosto reconhecendo farisaico” (Freire, 2006b, p. 17).

Esse modo de pensar a pedagogia crítica radical freireana fez história desde a década de 1960 e, continuará atualíssimo, enquanto houver um oprimido, um ser humano descartado na engrenagem do sistema vigente, ou seja, proibido de ser, cuja dignidade humana lhe foi roubada. Uma educação, sem a índole ético-política e, não pautada na liberdade dos ideais democráticos, não transforma o contexto histórico-social do sujeito, mas conserva o status quo, postulando uma história fatalista e determinista em relação ao futuro do ser humano e da sociedade. Uma educação, articulada à ética e à democracia cumprirá as exigências da libertação integral do ser humano, conduzindo-o à redescoberta do sujeito histórico, capacitando-o, à construção e à autoria da sua própria história de vida e dos destinos dos seus coetâneos, atingindo a plenitude do ser mais. Essas exigências da práxis freireana de uma pedagogia crítica, assentada na radicalidade da democracia, primeiro como forma de vida, depois como forma política, evitará toda forma de acomodação ao sistema vigente, injusto e imoral, pois uma grande maioria é descartada como escória humana, permanecendo à margem de todo tipo de participação e transformação social.

A doutrinação extremista e a militarização do ensino no país e, em outras partes do mundo, são os exemplos mais concretos da negação dos valores permeados nessa investigação, que negam e rebaixam a educação como prática

da liberdade, postulada e praticada por Paulo Freire. Além de descaracterizar a educação como emancipadora e libertadora, esses ideais extremistas de fechamento de desapeço ao diálogo, descomprometem a educação como ação política e humanizadora, capaz de plenificar a existência humana, que é o processo de ser mais freiriano. Em outras palavras é uma volta à concepção bancária de educação, desconectada das questões sociais, políticas e éticas, contrária aos direitos fundamentais e humanos, já denunciadas por Paulo Freire, no segundo capítulo de em *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2005a, p. 65-87). Estes posicionamentos extremistas são um atentado à educação freireana, entendida como ato político implicado em uma atitude ética, que é compromisso social e emancipatório, que produzirá a transformação do contexto histórico-social do educando. Essa pesquisa almeja ser um grito de alerta e uma denúncia realizada por meio da crença absoluta na hermenêutica do diálogo, no sentido freiriano, imbricado nas articulações entre as temáticas dessa investigação.

O diálogo, no sentido freiriano, “uma exigência existencial” (Freire, 2005a, p. 91), entre a comunidade humana, não a racionalidade instrumental, mas a racionalidade comunicativa, intuitiva, que se concretiza na hospitalidade e na solidariedade cosmopolita, dessa forma a democracia não morrerá. Assim, seremos capazes de conter as atuais tormentas sociais, éticas, políticas, econômicas e sobretudo, antidemocráticas. Essa seria a forma de conter e deter a barbárie, que é oposto da educação, conforme explicita Bernard Charlot no prólogo de sua recente obra: *Educação ou Barbárie?* Uma escolha para a sociedade contemporânea (Charlot, 2020, p. 13-20). Esse é nosso clamor diante do perigo que corre a nossa liberdade, nossa democracia que vem sendo enfraquecida nos dias hodiernos.

Referências

- ADAMS, Telmo. Sociedade. Sociedade. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BARBU, Zevedei. *Psicología de la democracia y de la dictadura*. Traducción de Noemi Rosenblat. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1962.
- BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BORGES, Valdir. *A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire*. Curitiba: CRV, 2021.
- BORGES, Valdir. *Paulo Freire, Martin Buber e o Papa Francisco: Pedagogia, Filosofia e Eclesiologia do diálogo*. In: BORGES, Valdir; MESQUIDA (Org.). *Paulo Freire: filosofia, linguagem, educação e sociedade*. Curitiba: CRV, 2021b.
- BORGES, Valdir. *A Pedagogia da esperança de Paulo Freire: um esperar histórico-concreto*. In: BORGES, Valdir; SOUZA, Grégori; ZANELLO, Bruno Rodrigues. *Movidos pela esperança*. Curitiba: CRV, 2022.
- CHARLOT, Bernard. *Educação ou barbárie?* Um escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez, 2020.
- CHOMSKY, Noam. *Quem manda no mundo?* Tradução de Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2017.
- CORTINA, Adela. *Aporofobia, el rechazo al pobre: Un desafío para la democracia*. Barcelona, España: Paidós, 2017.
- CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Tradução de Daniel Fabre. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- DEWEY, John. *Democracia e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Traduzido por José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003a.

- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cortez e IPF, 2003b.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis*. 2.ed. revista. São Paulo: Editora UNESP, 2003c.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a. (Publicado no exílio do Chile em 1968).
- FREIRE, Paulo. *Educação na cidade*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006b.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007a. (Textos escritos por Paulo Freire entre 1968 e 1974).
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007b. (Publicado no exílio do Chile, 1965).
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 43. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2007c.
- FREIRE, Paulo. *À sombra dessa mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Direitos Humanos e Educação Libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. Tradução de Cássio de Arantes Leite e Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NAÍM, Moisés. *O fim do poder: como os novos e múltiplos poderes estão mudando o mundo e abalando os modelos tradicionais na política, nos negócios, nas igrejas e na mídia*. Tradução de Luís Reyes Gil. São Paulo: LeYa Brasil, 2018.
- NAÍM, Moisés. *A vingança do poder: como os autocratas estão reinventando a política do século XXI com estratégias para enfraquecer os alicerces da democracia*. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2023.
- ZITKOSKI, Jaime José. *Paulo Freire e a educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Editor Responsável: Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Recebido/Received: 27.04.2025 / 04.27.2025

Aprovado/Approved: 27.09.2025 / 09.27.2025